



SABERES QUILOMBOLAS: oficinas e práticas entre comunidade, escola e Universidade em Barra do Turvo (SP)

Igor Gabriel Rodrigues Gonçalves
Universidade de São Paulo

Helga Kress Meirelles
Universidade de São Paulo

Lucas Martines
Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo busca apresentar o processo de construção de oficinas temáticas promovidas pelo projeto “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo-SP”, ao longo do ano de 2019. Nesta perspectiva, discutiremos a importância formativa dessas práticas tanto para os alunos quanto para os professores, assim como suas formas de apropriação pelos membros das comunidades quilombolas. Para isso, buscaremos introduzir ao leitor o contexto histórico e territorial das comunidades quilombolas de Barra do Turvo (SP). Em seguida, mostraremos as relações e demandas que permitiram o desenvolvimento do projeto em seus territórios junto à rede municipal de ensino. Neste movimento, buscaremos ressaltar a importância da transdisciplinaridade e de um projeto de Educação Escolar Diferenciada, que, se construído de forma horizontal e coletiva junto aos alunos e membros das comunidades, pode permitir o estabelecimento de laços duradouros no ensino, além de poder possibilitar a valorização da identidade cultural dos alunos quilombolas e dos saberes de suas comunidades. Ainda, salientaremos a promoção da autonomia aos membros, a fim de que eles se apropriem e deem continuidade a um projeto de educação que esteja cada vez mais integrado aos seus saberes e territórios.

Palavras-chave: Educação quilombola, Vale do Ribeira, oficinas temáticas, transdisciplinaridade, projeto de extensão.

QUILOMBOLA LORES: workshops and practices among community, School and University in Barra do Turvo (SP)

Abstract

The present article seeks to identify the thematic workshop building process done by the project “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na

construção da educação quilombola em Barra do Turvo-SP”, throughout 2019. Aiming to discuss the formative importance of these practices both for the students and the teachers along with their types of appropriation by the quilombola community members. For that, we will strive to introduce the reader in the historic and territorial context of the quilombola communities in Barra do Turvo. Then, we show the relationships and demands that allowed the development of the project in their territories next to the municipal education grid. In this movement, we will seek to highlight the importance of transdisciplinary and of a Differentiated School Education project, that, if built in a horizontal and collective way together with students and community members, may allow the establishment of lasting bonds in teaching and enable the valuing of cultural identity of the quilombola students and their communities' lore. Also, we will stress the promotion of members' autonomy, in order to allow them to appropriate and give continuity to an education project that increasingly becomes more integrated to their lores and territories.

Keywords: Quilombola Education. Ribeira Valley. Thematic Workshops. Transdisciplinary. Extension Project.

INTRODUÇÃO

O município de Barra do Turvo (SP), identificado na Figura 1, localiza-se ao sul da porção paulista do Vale do Ribeira – uma região que contempla 22 municípios no estado de São Paulo (1.711.533 ha) e 09 municípios no estado do Paraná (1.119.133 ha), totalizando 31 municípios em uma área de 2.830.666 ha integrada à Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape.

O Vale do Ribeira, como ressalta Diegues (2007), é o maior trecho de área contínua de ecossistemas da Mata Atlântica preservado no país, com cerca de 60% da região sob cobertura de vegetação florestal. Sendo a região constituída historicamente por comunidades tradicionais, principalmente por comunidades quilombolas, a produção e a preservação da biodiversidade local devem ser, deste modo, compreendidas como processos em que estas comunidades possuem uma atuação ativa, tanto no passado como no presente, devido às suas formas tradicionais de apropriação do território (BIM, 2012).

No município de Barra do Turvo, encontram-se seis comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares (FCP): Pedra Preta-Paraíso, Cedro, Ribeirão Grande, Terra Seca, Reginaldo e Ilhas. Estando esta última no início do seu processo formal de reconhecimento. Tais comunidades, como forma de assegurar uma série de direitos territoriais e garantir condições adequadas à reprodução de seus modos de vida, violados a partir de transformações sociais engendradas na década de 1970, passaram a se organizar em associações, no intuito de se mobilizar para enfrentar agentes antagônicos e situações adversas (DE BIASE, 2016).

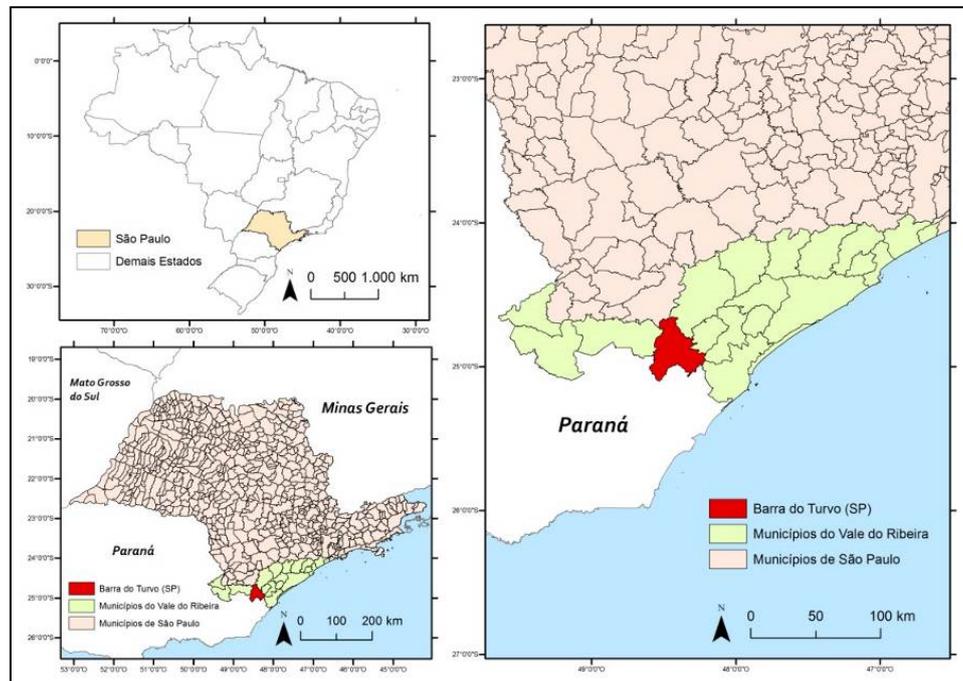


Figura 1 – Mapa de localização de Barra do Turvo (SP)

Fonte: Igor Gonçalves (2019) – Dados: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os antecedentes desta mobilização recuperam eventos desvelados na década de 1950, momento em que uma política ambiental de cunho preservacionista, culminou na criação de uma série de Unidades de Conservação na região do Vale do Ribeira. Como forma de garantir a preservação da biodiversidade da Mata Atlântica, que havia sido negligenciada pelas autoridades durante os diferentes ciclos econômicos desenvolvidos na região, tais Unidades de Conservação buscaram erradicar a exploração desenfreada da natureza.

O primeiro ciclo econômico na região foi a mineração aurífera. De acordo com Bernini (2015), esta atividade se consolidou no século XVII, após a descoberta do ouro de aluvião nas margens do rio Ribeira de Iguape, momento em que se utilizou uma massiva mão de obra de escravos e índios nativos para sua extração. Já no século anterior, a região havia sido povoada por colonos europeus atraídos pela economia extrativista e agrícola. Os fatores que levaram a descentralização da mineração no Vale do Ribeira foram, segundo Giacomini (2010), o encarecimento da mão de obra escrava e a ascensão do cultivo do café em outras regiões do estado. Já Nascimento (2006) destaca que a descoberta do ouro em Minas Gerais levou os garimpeiros a buscarem novas áreas de mineração, o que ocasionou a estagnação de povoadamentos no interior e fez com que muitos escravos ocupassem terras e desenvolvessem uma agricultura voltada para o autoconsumo e ao mercado interno.

Conforme Bernini (2015), aos poucos, a região passou a se integrar às atividades de rizicultura, tanto em regime de monoculturas, utilizando o trabalho escravo,

quanto em pequenas roças, utilizando a mão de obra familiar. Essa produção ficou mais restrita à zona do Baixo Ribeira que atingiu seu auge no século XIX, momento em que o contingente de escravos trazidos para a região aumentou significativamente e passou a se tornar maioria.

De acordo com a referida autora, após a segunda metade do século XIX, a produção de arroz diminuiu devido a fatores como o fim do tráfico de escravos em 1850 e a expansão da produção do café no oeste paulista que demandava mão de obra. Outro fator para sua diminuição se refere ao destaque da produção de arroz nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Após esse período, houve um incentivo da vinda de imigrantes para a região, levando ao estabelecimento de novos núcleos de povoamento, principalmente de japoneses que impulsionaram a introdução de culturas como chá e banana, atividades que se destacaram e se mantiveram até os dias de hoje. Com o crescimento dessas culturas, uma série de investimentos em infraestrutura atraiu a atenção de fazendeiros externos à região, o que acarretou em diversos processos de grilagem de terras, juntamente à degradação ambiental (DE BIASE, 2016).

Como forma de estabelecer um maior controle sobre essa região, que sofria desde meados do século XIX uma exploração prejudicial à manutenção da sua biodiversidade, o Estado, pressionado por setores ambientalistas da sociedade, criou, em 1969, o Parque Estadual do Jacupiranga (PEJ), abrangendo os municípios de Barra do Turvo, Cajati, Cananeia, Eldorado e Iporanga. Em sua criação foram sobrepostas áreas historicamente ocupadas pelas comunidades quilombolas, restringindo o uso do território e as práticas tradicionais por meio de políticas autoritárias que transformaram em criminosas as comunidades ali presentes, levando-as a arcarem com uma série de restrições e indenizações ao Estado, pois este passou a considerar as áreas do parque como terras devolutas (BIM, 2012).

Dentre as consequências da imposição do parque, teve-se um processo de criminalização do Sistema Agrícola Tradicional (SAT) – a roça de coivara – uma prática com raízes socioeconômicas e culturais ancestrais. Como destaca De Biase (2016), as atividades ligadas à roça, para além de garantir o autoconsumo das comunidades, têm uma importância fundamental na conservação e transmissão de saberes e da territorialidade quilombola. Dessa forma, a restrição no uso do território tem um forte impacto também na própria cultura quilombola, colocando em risco tanto o saber das comunidades quanto sua própria reprodução.

Em fevereiro de 2008, após muita luta por parte das comunidades tradicionais, lideranças políticas, movimentos sociais e de diferentes setores da sociedade civil, conseguiu-se que a área do Parque fosse recategorizada como Mosaico de Unidades de Conservação do Jacupiranga (MOJAC), assegurando, dessa forma, os direitos territoriais, “além de possibilitar às comunidades uma participação mais direta na gestão da reserva, por meio da composição no Conselho Deliberativo, o Conselho Gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Quilombos de Barra do Turvo (RDSQBT), iniciado em 2009” (DE BIASE, 2016, p. 125).

Entretanto, por mais que as comunidades quilombolas reconheçam o avanço da atual condição de estarem inseridos dentro da RDS frente a antiga condição de

estarem dentro dos limites do Parque, elas compreendem as restrições que tal condição implica, pois ao se colocar o Estado também como gestor, se está ferindo tanto a autonomia quanto o modo de uso que as comunidades quilombolas têm sob os seus territórios.

Demandas por uma Educação Escolar Quilombola Diferenciada

Tendo em vista o distanciamento percebido pelas comunidades quilombolas em relação aos valores hegemônicos estabelecidos pela rede pública de ensino básico, os trabalhos de Santos (2016) e Faria (2018) chamam a atenção para a necessidade de construção de uma Educação Escolar Quilombola Diferenciada, que valorize os seus aspectos culturais, territoriais e simbólicos, e que aproxime o cotidiano escolar às suas especificidades regionais e locais.

A modalidade de uma Educação Escolar Diferenciada se encontra integrada às ações afirmativas previstas pelo Programa Brasil Quilombola (PBQ), pela Agenda Social Quilombola (ASQ) e pelas demandas levantadas pelo movimento negro. Por meio de muita luta e resistência das comunidades quilombolas, houve a elaboração de um documento regulamentador das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola respaldado pelo Ministério da Educação (MEC) (SOARES, 2012).

No caso de Barra do Turvo, pode-se observar que a dinâmica escolar municipal não abrange as especificidades necessárias para a formação de crianças e jovens das comunidades quilombolas, assim como de outras comunidades tradicionais do município. Soma-se a isso o fato das questões em torno da temática quilombola não entrarem de maneira significativa na formulação dos currículos escolares, seja em âmbito regional ou estadual, apesar das orientações previstas pelos Conselhos de Educação (SANTOS, 2016; FARIA, 2018).

De acordo com as referidas autoras, essas observações foram levantadas por meio de uma série de denúncias realizadas em quatro audiências públicas sobre Educação Escolar Diferenciada promovida pela Defensoria Pública de Registro (SP), durante o ano de 2015, nos municípios de Cananéia, Eldorado, Iporanga e Barra do Turvo. A quarta audiência pública, realizada neste último município, se deu em outubro do mesmo ano, momento em que se discutiram questões como o fechamento de escolas, a precariedade do transporte e das estruturas escolares, a falta de integração do ensino à realidade local, além da ausência de uma gestão participativa nas escolas.

Além destes fatores, foi observada em visita às escolas e comunidades, a formação deficiente e não continuada dos professores, a falta de material didático-pedagógico de cunho étnico-racial, a ausência de diálogo entre comunidades e escolas e até mesmo o total desconhecimento por parte de alguns docentes sobre a existência das comunidades quilombolas no município.

Frente a esse contexto de demandas por parte das comunidades e professores da rede pública de ensino de Barra do Turvo, a Professora Doutora Valéria de Marcos e alunos orientandos, buscaram, por meio da construção de um projeto de educação diferenciada, alternativas que pudessem ser coerentes com a realidade

local e que valorizassem os saberes tradicionais dessas comunidades. Soma-se a isso, uma longa relação construída desde 2012, a partir de visitas de campo da disciplina "Geografia Agrária II" do Bacharelado em Geografia da Universidade de São Paulo (USP) e trabalhos acadêmicos (Iniciações Científicas, Trabalhos de Graduação Individual e Teses de Doutorado) realizados no município, o que possibilitou, por meio de uma construção coletiva, as bases do projeto "Mostra Modo de Vida e Cultura dos Quilombos do Rio Turvo: caminhos pedagógicos".

O objetivo deste projeto foi aproximar as comunidades das escolas municipais e levantar como os membros das comunidades gostariam de ser reconhecidos, a fim de que se realizasse uma mostra de fotografias, artesanatos e materiais de trabalho com base nas atividades realizadas nas comunidades. O projeto se iniciou em novembro de 2017 e contou com reuniões junto às comunidades para definição coletiva dos eixos temáticos para a mostra, sendo estes: moradia, história, culinária, educação, papel da mulher, instrumentos de trabalho, práticas agrícolas, ervas medicinais, devoção, artesanato/instrumentos de uso doméstico, musicalidade, representações de quilombo, além do eixo infância quilombola que foi posteriormente adicionado.

Somando-se a isso, foram realizados diversos trabalhos de campo para que tais eixos pudessem ser trabalhados com os membros das comunidades, além da participação em reuniões com as escolas e com a Secretaria de Educação do Município.

Para apresentação dos resultados, a mostra foi realizada entre os dias 30 de novembro e 01 de dezembro de 2018 na Escola Estadual Prof. Luiz Darly Gomes de Araújo, situada no centro do município de Barra do Turvo, junto às atividades da Semana de Consciência Negra. Sua realização proporcionou uma sensibilização dos professores e alunos sobre a temática da educação quilombola e contou com a presença de membros das comunidades que falaram sobre a importância de uma educação quilombola construída coletivamente e participaram de atividades com os alunos, como a preparação de paçoca, marcando assim o encerramento do projeto e do ano letivo. Tais atividades podem ser visualizadas na Figura 2.

Saberes em Diálogo: Trajetórias de um projeto horizontal e transdisciplinar

De forma a dar continuidade a esse projeto, a equipe se expandiu e buscou a transdisciplinaridade como um novo caminho para se pensar a educação quilombola no município, descentralizando o debate da geografia e abrindo novos diálogos com outras áreas do conhecimento em um processo que contempla a diversidade presente nos saberes tradicionais quilombolas e possibilita que a educação quilombola seja trabalhada por diferentes disciplinas nas escolas do município.



Figura 2 – Mostra Modo de Vida e Cultura Quilombola – Quilombos de Barra do Turvo – SP.

Fonte: Equipe do Projeto “Mostra Modo de Vida e Cultura dos Quilombos do Rio Turvo: percurso pedagógico” (2018)

Nessa perspectiva, nasce o projeto “Saberes em diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola em Barra do Turvo-SP que se consolidou por meio do edital Aprender na Comunidade”, aprovado pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo, em 2018. Seu planejamento aproximou discentes e docentes do Instituto de Matemática e Estatística (IME-USP) e dos Departamentos de Geografia, História e Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), o que possibilitou o fortalecimento de laços com outros institutos da universidade. O projeto se iniciou no 1º semestre de 2019 e previu a realização de atividades ao longo de um ano e meio com as escolas municipais de Barra do Turvo que contemplam da Educação Infantil ao Fundamental I, contando ainda com a presença tanto de monitores bolsistas, quanto de alunos voluntários selecionados das diferentes áreas.

Dentre as propostas previstas, se encontram: visitas de reconhecimento com os professores das escolas municipais para conhecimento inicial das comunidades, atividade realizada no dia 22 de fevereiro na sede da associação da comunidade Terra Seca com cinco grupos de 10 a 12 professores que foram distribuídos entre as diferentes comunidades; realização de entrevistas dos professores com os membros mais velhos das comunidades - pensada inicialmente na forma de um acantonamento - ocorreu no dia 18 de maio, junto à uma atividade de campo realizada pela Professora Doutora Cristina Wissenbach, também integrante do projeto, no âmbito da disciplina “História da África e dos Afrodescendentes no Brasil: conteúdos e ferramentas didáticas para a formação de professores do ensino médio e fundamental”.

O projeto também contou com a realização de um seminário na universidade como forma de construir uma visão mais ampla sobre o tema a partir da presença de lideranças locais e pesquisadores, que se sucedeu no Departamento de Geografia da USP no dia 29 de março sob o título “Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira: olhares da USP em diálogo”; além de participação em Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPCs) junto às escolas de Barra do Turvo; realização de grupos de estudos e reuniões de equipe, bem como uma fase de produção de material didático que será pensado e elaborado pela equipe transdisciplinar da USP, a partir de discussões levantadas em diversos encontros destinados à formação de professores.

Por fim, o projeto como parte de sua metodologia principal, inclui a realização de oficinas temáticas nas comunidades e nas escolas de Barra do Turvo, a partir de eixos definidos coletivamente junto aos membros. Na realização das oficinas, os alunos participam de forma ativa no processo destinado às diferentes temáticas, aprendendo junto aos membros um pouco do saber-fazer presente em suas práticas tradicionais.

Oficinas Temáticas

As oficinas temáticas foram estruturadas coletivamente junto às comunidades a partir dos eixos: Culinária Tradicional, Infância, Produção Artesanal, Instrumentos de Trabalho, Moradia, Agricultura e Colheita, Plantas Medicinais, Devoção e Musicalidade.

A escolha dos temas se deu a partir da demanda das comunidades, construída durante a realização do projeto “Mostra Modo de Vida e Cultura dos Quilombos do Rio Turvo: caminhos pedagógicos” e rediscutida em novas reuniões de planejamento no início do ano de 2019. À vista disso, no dia 22 de fevereiro deste ano, foi realizado na sede da associação da comunidade quilombola Terra Seca uma reunião de planejamento com os membros das comunidades, onde foi levantado quais oficinas seriam realizadas, assim como o que seria feito em cada uma delas. Foi decidido também que para cada eixo seria realizada uma atividade diferenciada em cada comunidade.

As datas foram pensadas de forma a respeitar as dinâmicas das comunidades e o tempo necessário para cada prática, pois há um tempo específico para a

realização das atividades nas comunidades como épocas do ano para a colheita e plantação dos alimentos, entre outros.

Já as séries são definidas em comum acordo entre Direção das escolas e membros da equipe executora. No geral ocorrem em dois períodos para contemplar os alunos da manhã e da tarde. Na manhã ocorrem das 8h às 11h30 e à tarde das 13h às 16h30.

Gostaríamos também de destacar que durante a realização de algumas oficinas, foi realizada uma série de registros fotográficos e filmicos pelos próprios alunos de forma espontânea, principalmente com as câmeras da equipe. Tais práticas aguçaram tanto a criatividade, quanto a curiosidade e o olhar atento aos detalhes presentes nas atividades. Com a ajuda dos monitores, as crianças aprenderam o básico e registraram alguns momentos, o que possibilitou nos aproximarmos de seus olhares e sensibilidades presentes nas oficinas. Algumas fotografias realizadas pelos alunos podem ser vistas na Figura 3.



Figura 3 – Fotografias realizadas pelos alunos das escolas municipais.

Fonte: Alunos das escolas municipais de Barra do Turvo – SP (2019).

Oficina de Culinária Quilombola

No dia 16 de junho, foram realizadas oito oficinas com a temática Culinária Quilombola, contando com a participação de 314 alunos do 3º, 4º e 5º anos das escolas da rede municipal. No período da manhã, todas as comunidades participaram das atividades, enquanto que, no período da tarde, em função do menor número de alunos, as oficinas concentraram-se nas comunidades Pedra Preta-Paraíso, Ribeirão Grande e Terra Seca.

Com a chegada dos alunos, os membros das comunidades sentiram a necessidade de contextualizar, de forma didática, um pouco sobre o que é ser quilombola, como é viver em comunidade, quais as histórias e vínculos que possuem com seus territórios, além de outras questões levantadas pelos próprios alunos, levando-os a refletirem sobre os diversos sentidos presentes nos quilombos.

Em seguida, os membros apresentaram comidas típicas da culinária quilombola, de forma que os alunos pudessem compreender sobre o lugar de origem dos alimentos e também acerca do modo de preparo, para que posteriormente pudessem auxiliá-los na produção dos alimentos.

As oficinas temáticas tiveram início em junho de 2019 e até o final do mês de outubro do mesmo ano estiveram contempladas respectivamente nos seguintes temas: Culinária, Infância, Agricultura, Artesanato e Materiais de Trabalho e Devoção.

Ao final, foram preparadas diversas comidas tradicionais com alimentos produzidos nas próprias comunidades, sendo a maioria de origem agroecológica. Ao longo de todas as oficinas, os alunos puderam manusear os diferentes instrumentos utilizados no preparo dos alimentos e conhecer também os benefícios da culinária tradicional para a saúde. Na preparação de alguns dos alimentos, os alunos anotaram a receita, com as quantidades e o modo de preparo, e também puderam auxiliar na colheita dos ingredientes utilizados junto aos membros das comunidades.

Foram preparados pastéis de farinha com recheios de carne e de palmito juçara, chamando a atenção dos alunos para o fato dos palmitos que estavam sendo utilizados terem sido colhidos na própria propriedade. No preparo da paçoca, utilizou-se o pilão, tradicional instrumento de trabalho das comunidades. Como muitos dos alunos não tinham conhecimento da ferramenta, houve uma explicação sobre seu uso, ressaltando que não era apenas uma ferramenta do passado, mas ainda hoje muito utilizada na produção de diversas comidas típicas, como também no preparo da canjica. Os alunos puderam socar também no pilão o café e, ao caminhar pelas áreas das comunidades, conheceram de perto os pés de café e de cana-de-açúcar.

Os estudantes acompanharam também a produção de açúcar mascavo e de rapadura. Outro alimento típico da culinária quilombola é o milho, o qual os alunos tiveram a experiência de debulhar e conhecer alguns alimentos feitos com os grãos, como a farinha, a quirera, e prepararam um bolo de milho junto aos membros de uma das comunidades. Com a mandioca, outro alimento de extrema importância para a culinária quilombola, prepararam o tradicional

cusuz de mandioca com amendoim. O processo de produção dos alimentos pelos alunos pode ser visto na Figura 4.



Figura 4 - Produção de alimentos para a Oficina de Culinária Tradicional.
Fonte: Equipe do Projeto “Saberes em Diálogo” (2019).

Oficina de Infância Quilombola

No dia 23 de agosto, foram realizadas seis oficinas com a temática da Infância Quilombola, sendo uma no período da manhã na Comunidade Quilombola Terra Seca e cinco no período da tarde, distribuídas nas diferentes comunidades simultaneamente. Foram contemplados 143 alunos dos 1º, 2º e 3º anos das escolas municipais.

Os anfitriões, após contarem um pouco das histórias das comunidades, apresentaram, às crianças, os brinquedos e brincadeiras do tempo de antigamente e trouxeram diferentes materiais para que pudessem ensinar e construir os brinquedos de seu tempo junto aos alunos. Algumas brincadeiras já eram conhecidas pelas crianças, que ficaram felizes em ocuparem um papel de

protagonistas, tanto na execução das brincadeiras quanto na construção dos brinquedos.

Os materiais eram dos mais diversos tipos, tais como gravetos, sabugos de milho, palha, grãos de milho seco, cordas, panos, dentre outros. O intuito era mostrar às crianças que os brinquedos eram feitos por eles mesmos em uma época em que não havia facilidade para se comprar o que era produzido por indústrias, estimulando a criatividade das crianças e mostrando que com poucos recursos eram capazes de arquitetar diversos brinquedos e realizar diferentes brincadeiras.

Brincaram de ciranda, cantando diferentes músicas lembradas por elas e pelos membros mais velhos da comunidade, construíram torres de espiga de milho, brincaram de resta um, telefone mudo, lenço atrás, cavalinho de pau, roda cotia, jogaram búzios, bolinha de gude, construíram carrinhos de sabugo e gravetos, produziram bonecas de pano e também de sabugo, confeccionaram peteca com palha de milho, além de outras brincadeiras adaptadas e também sugeridas pelas crianças. Essas brincadeiras podem ser observadas na Figura 5.



Figura 5 – Brincadeiras realizadas nas Oficinas de Infância.

Fonte: Equipe do Projeto “Saberes em Diálogo” (2019).

Ao final das oficinas, as crianças agradeceram os membros das comunidades e disseram de forma muito positiva que haviam gostado de brincar, levando consigo os brinquedos que haviam produzido ao longo do dia como forma de recordação.

Oficina de Agricultura Quilombola

No dia 13 de setembro, foram realizadas cinco oficinas com a temática de agricultura no período da manhã, distribuídas nas diferentes comunidades simultaneamente. Foram contemplados 314 alunos de 4º e 5º anos das escolas municipais.

Durante as oficinas, representadas pela figura 6, os alunos puderam observar uma grande diversidade de cultivos produzidos tanto pelo sistema agroflorestal, quanto por roças de coivara, técnicas que compõe o Sistema Agrícola Tradicional das comunidades, e compreender as condições necessárias para que cada cultivo pudesse se desenvolver. Foram visitadas plantações de palmito juçara e pupunha, feijão, milho, banana, mandioca, cana, limão, laranja, mamão, café e outros, salientando nas visitas que não há uso de agrotóxicos na produção.



Figura 6 – Práticas da Oficina de Agricultura.
Fonte: Equipe do Projeto “Saberes em Diálogo” (2019).

Para apresentar as técnicas de plantio, os membros das comunidades explicaram um pouco sobre o que são, como funcionam, quais suas diferenças e motivos de sua utilização, seus benefícios, além dos cuidados necessários para evitar acidentes no solo e o uso do fogo na roça de coivara. Além disso, foram destacados elementos importantes na determinação da escolha dos cultivos, como o tempo de colheita e o desenvolvimento de culturas em diferentes épocas do ano, e mostrado às crianças, os equipamentos e materiais de preparo utilizados nas roças como a enxada, a matraca plantadeira para inserção das sementes no solo, a roda para ralar mandioca, a moenda, o forno de taipa e o monjolo.

Dentre as atividades propostas, os alunos acompanharam de forma interessada e curiosa as práticas de roçagem de feijão, plantio de mandioca, manejo e limpeza de uma área de agrofloresta, plantação de sementes, além dos cuidados necessários para um bom desenvolvimento do solo, a partir dos materiais orgânicos retirados com o manejo. Além disso, foi discutido os modos de relação que os membros das comunidades possuem com a terra, a importância das roças na preservação da biodiversidade e detalhes importantes como a necessidade de incidência solar e sombra para o desenvolvimento de determinados cultivos.

Ao final das oficinas, as crianças complementaram o lanche com alguns dos alimentos colhidos nas roças das comunidades, reforçando o exercício de uma alimentação saudável e de uma relação mais próxima com os alimentos consumidos.

Oficina de Artesanato e Materiais de Trabalho

No dia 07 de outubro de 2019 foi realizada no período da manhã uma oficina de Artesanato e Materiais de Trabalho na comunidade Ribeirão Grande, contemplando 15 alunos do 3º ano da EMEB Prof. Paulo Bodo Filho. Devido a fortes chuvas à tarde, a oficina prevista para esse período na mesma comunidade acabou sendo cancelada.

A oficina contou com a produção de cestos de taquara e artesanatos de argila confeccionados pelos membros das comunidades, dona Cleide, dona Clarisdina e seu “Jacaré”, junto às crianças. Estas, por sua vez, acompanharam todo o processo da produção dos cestos de taquara, observando inicialmente como realizar os entrelaçamentos e nós necessários para a constituição da base e, posteriormente, os trançados da cesta que deram forma ao artesanato.

Foram realizados dois diferentes tipos de cestos de taquara, o primeiro com uma estrutura mais simples para que o processo de aprendizagem se tornasse possível em um primeiro encontro, já o segundo possuía um arranjo mais complexo, o que não impediu que as crianças acompanhassem e auxiliassem sua produção. Durante o desenvolvimento dos cestos, alguns alunos demonstraram um conhecimento prévio com a técnica utilizada, o que os deixou entusiasmados para participarem e os motivou a ensinarem a seus colegas como realizá-los.

Simultaneamente à produção dos cestos, foram realizados artesanatos de argila, possibilitando que os alunos alternassem entre as atividades de forma dinâmica. A

argila foi utilizada primeiramente para a produção de uma panela, contando com a contribuição das crianças na modulação da argila e umedecimento adequado para sua produção. Além da panela, as crianças exercitaram a criatividade e criaram os mais diversos artesanatos como pires, pratos, copos, talheres, bonecos e outros.

Por fim, as crianças finalizaram junto aos membros os artesanatos iniciados durante a oficina, levando como recordação o cesto de taipa para a escola e os artesanatos de argila produzida por eles para casa. Diversos momentos da oficina de artesanato podem ser vistos na Figura 7.



Figura 7 - Produção de cesto de taquara e artesanatos de barro.
Fonte: Igor Gonçalves (2019).

A Mesada de Anjos: uma articulação possível entre educação pública e devoção quilombola

No dia 18 de outubro de 2019, foi realizado uma Mesada de Anjos, uma prática tradicional quilombola, na comunidade Ribeirão Grande. A Mesada de Anjos, assim como outras práticas religiosas conhecidas na região do Vale do Ribeira, pertence ao catolicismo popular.

A lógica da Mesada de Anjos alicerça-se em três elementos no decorrer da sua realização: *a promessa, os anjos e o banquete aos anjos*. Em um cenário social onde a assistência médica sempre foi esparsa, as estratégias medicinais e terapêuticas desenvolvidas pelas comunidades quilombolas partem historicamente do conhecimento ancestral, sobre a natureza e o sagrado. Deste modo, a Mesada de Anjos é uma prática religiosa no território quilombola, que orbita em torno de questões relacionadas à saúde, sejam ela pessoais, familiares ou comunitárias.

Para se recuperar de um estado de enfermidade, um devoto ou uma devota quilombola realiza uma promessa com um santo específico (aquele de maior proximidade), capaz de interceder pela sua saúde. Quando a pessoa enferma é curada ou encontra-se em estado de recuperação, a comunidade tem como obrigação realizar um banquete aos “anjinhos”, como forma de cumprir a promessa com o santo pela sua intercessão e zelo. Os “anjinhos” são as crianças menores de sete anos, quilombolas ou não, que são observadas como seres inocentes. Em virtude desta qualidade, as crianças, durante o seu primeiro septênio de vida, encontram-se simbolicamente próximas aos santos e podem, assim, canalizar o seu poder de cura para a comunidade. Por esta razão, existe a crença quilombola de que crianças são seres mediadores entre a comunidade e as entidades celestes, sendo então necessário também agradecê-las com um banquete: a Mesada de Anjos.

No ano de 2019, A Mesada de Anjos foi realizada como o cumprimento da promessa de Seu Lizeu, um antigo curandeiro do município. No entanto, como sua saúde se encontrava bastante debilitada, a promessa foi paga pela Dona Izaíra e pela Dona Osminda, duas mulheres da comunidade e de confiança de Seu Lizeu. Como uma estratégia de mostrar a expressão religiosa quilombola aos professores do município e também para os alunos da rede municipal, Dona Izaíra e Dona Osminda permitiram que os estudantes do município participassem da prática, mas com a condição de que ela não fosse interpretada simplesmente como uma oficina. Tal detalhe é simples, porém, de grande importância para a comunidade, pois a Mesada de Anjos não pode ser compreendida na mesma chave das atividades anteriores promovidas pelo projeto.

As oficinas configuram-se como estratégias pedagógicas que apresentam uma atividade social de modo reduzido com fins didáticos. Tradicionalmente, a Mesada de Anjos deve sempre ser condicionada por motivos específicos (o cumprimento da promessa, o agradecimento ao santo, o louvor pela saúde), sendo impossível, neste aspecto, “reduzi-la”. Neste sentido, reiteramos que, dentre todas as atividades que o projeto contemplou, a Mesada de Anjos não foi uma oficina, uma vez que seu objetivo central possuía um caráter religioso e não didático, em que a utilização do termo “oficina” pode inverter na sua compreensão.

Sublinhada a diferença da Mesada de Anjos com as demais atividades do projeto, é possível afirmar que a sua experiência é passível de acomodar uma dimensão didática e pedagógica para os alunos, para os professores e também para a equipe da universidade, uma vez que nela todos puderam presenciar um momento tradicional de socialização das crianças no território quilombola. Além das crianças da própria comunidade e das comunidades ao redor, conseguimos

levar para participar desta Mesada de Anjos crianças do 1º ano do ensino fundamental da EMEF Prof.ª Maria Izabel e da educação infantil EMEI Prof.ª Maria Aleixo de Queiroz, totalizando ao todo 30 “anjinhos”. Em relação aos resultados dessa articulação entre escola e comunidade, podemos tecer breves reflexões.

- Em virtude das transformações contemporâneas em torno da demografia das comunidades tradicionais e camponesas, nas comunidades Ribeirão Grande e Terra Seca encontram-se cerca de 3 ou 4 crianças, um número relativamente baixo para a realização de Mesadas de Anjos (as quais antigamente contavam com uma média de dez a vinte crianças). Esta diferença, apesar de não inviabilizar a prática, reduz a sua frequência, assim como as expectativas da comunidade em torno das mesmas. Levar as crianças da rede municipal para participar da Mesada demonstrou-se uma estratégia de contornar um fenômeno que vem desafiando a sua manutenção. Sendo ainda tal estratégia compreensiva e coerente com as condições e os objetivos religiosos.
- A participação de crianças externas ao território quilombola gerou uma nova expectativa nos membros da comunidade e das comunidades vizinhas, estreitando os laços no tocante à manutenção da religião e da cultura quilombola. Isto foi perceptível através de um maior número de cuidados e de pessoas envolvidas no seu planejamento e na sua preparação.
- Por parte das crianças da rede municipal e dos professores, a participação possibilitou a experiência de alguns sentidos que o sagrado assume na territorialização quilombola, tais como: os cânticos, os terços, a crença popular em santos e anjos, etc.

De modo geral, a experiência da devoção na comunidade pelos professores e pelos alunos mostrou que a religiosidade e a cultura tradicional são caminhos didáticos que devem ser explorados para a compreensão da devoção quilombola. Algumas fotos sobre esta Mesada de Anjos podem ser observadas na Figura 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos apresentar as atividades e trajetórias desenvolvidas durante a construção do projeto “Saberes em Diálogo: comunidade, escola e universidade na construção da educação quilombola no município de Barra do Turvo – SP”. Todas as atividades aqui expostas tiveram repercussões positivas para as diferentes esferas de atuação envolvidas.

Para as comunidades, tais atividades valorizaram no município suas histórias, sua cultura e seus saberes. Para os alunos quilombolas, o bom desempenho nas atividades propostas pelas oficinas, por motivos de familiaridade e vivência, também gerou efeitos positivos na autoestima e na afirmação da identidade desses alunos. Para os alunos não quilombolas, a possibilidade de conhecer e de se apropriar de saberes distintos aos difundidos pela escola. Para os professores, a possibilidade de conhecer mais sobre a história, o território e o modo de vida

quilombola, assim como a comunidade e o universo de referências de muitos de seus alunos. Para a equipe da universidade, o contato com diferentes saberes tradicionais e acadêmicos propiciou a construção de um projeto que visa um retorno à sociedade, além de uma maior aproximação a uma educação escolar quilombola que preze pela autoestima das crianças quilombolas e pela valorização do seu lugar no mundo.



Figura 8 - Mesada de anjo na comunidade Ribeirão Grande.

Fonte: Igor Gonçalves (2019)

No entanto, ao longo deste caminho, muitos obstáculos e desafios surgiram no planejamento e na organização dessas atividades. Entre estes, os mais recorrentes foram a dificuldade de comunicação com as comunidades e com a equipe gestora da rede de ensino, as dificuldades na garantia de transporte, os quais resultaram em gastos pessoais dos integrantes da equipe, as dificuldades em articular as melhores datas para as comunidades, as escolas e a equipe da universidade, a lentidão nos processos burocráticos, etc. Todas essas questões no final puderam ser contornadas, mas é importante ressaltá-las tendo em vista a transparência dos nossos obstáculos e dificuldades. Por fim, as oficinas e a participação dos alunos na Mesada de Anjos abriram mais possibilidade para se discutir os moldes da

educação quilombola no interior do planejamento escolar, o que aproxima a rede de ensino aos saberes tradicionais da região.

REFERÊNCIAS

BERNINI, C. I. **A produção da 'natureza conservada' na sociedade moderna: uma análise do mosaico do Jacupiranga, Vale do Ribeira - SP.** 2015. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DE BIASE, L. **Agroecologia quilombola ou quilombo agroecológico? Dilemas agroflorestais e territorialização no Vale do Ribeira/SP.** 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BIM, O. J. B. **Mosaico do Jacupiranga - Vale do Ribeira, São Paulo: conservação, conflitos e soluções socioambientais.** 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DIEGUES, A. C. **O Vale do Ribeira e Litoral de São Paulo: meio-ambiente, história e população.** São Paulo: CEPENC, 2007.

FARIA, M. R. **Educação Escolar Quilombola: Estudo sobre a ação afirmativa em materiais didáticos de Geografia utilizados em escolas públicas de Barra do Turvo - SP.** Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Bacharel em Geografia. 2018.

GIACOMINI, R. L. B. **Conflito identidade e territorialização. Estado e comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira de Iguape-SP.** 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, L. K. **Identidade e Territorialidade: os quilombos e a educação escolar no Vale do Ribeira.** 2006 (Mestrado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SANTOS, A. G. M. **O processo de implementação da Educação Escolar Quilombola em Barra do Turvo - SP: os desafios das escolas públicas do município frente às demandas educacionais das comunidades.** 2016. Tese (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOARES, E. G. **Educação escolar quilombola: quando a diferença é indiferente.** Tese (Doutorado), Curitiba, 2012.

Contato com o autor: Igor Gabriel Rodrigues Gonçalves <igorgoncalves@usp.br>

Recebido em: 25/05/2020

Aprovado em: 10/09/2020